



“A CIDADE MÃE DE SERGIPE TÁ ON”: PERSPECTIVAS DE LEITURA
DAS PROPAGANDAS SOBRE A VACINAÇÃO DA PREFEITURA
DE SÃO CRISTÓVÃO-SERGIPE

"A CIDADE MÃE DE SERGIPE TÁ ON”: PERSPECTIVAS DE LECTURA
DE LAS PROPAGANDAS SOBRE LA VACUNACIÓN DE LA ALCALDÍA
DE SÃO CRISTÓVÃO-SERGIPE

Joyce Palha Colaça¹
Acassia dos Anjos Santos Rosa²

Resumo: Partindo da articulação entre Análise de Discurso e Letramentos Críticos, objetivamos compreender os dizeres que circularam no perfil da Prefeitura de São Cristóvão, conhecida como Cidade Mãe do Estado de Sergipe, acerca dos fatos históricos relacionados à Pandemia da SARS-CoV-2, da promoção da saúde pública e da vacinação. Com materialidades recortadas da página oficial do Instagram da Prefeitura, buscamos dar visibilidade a formas de leitura que entendem o histórico, o ideológico e os grupos envolvidos na enunciação tomada nesse espaço como lugar de disputa de sentidos. Pela análise empreendida, três aspectos se destacam: a organização para a vacinação; a divulgação científica; e a oposição ao Governo Federal.

Palavras-Chave: Discurso; Multiletramentos; Prefeitura de São Cristóvão; Pandemia de Coronavírus.

Resumen: Partiendo de la articulación entre Análisis del Discurso y Literacidad Crítica, objetivamos comprender los decires que circularon en el perfil de la Alcaldía de São Cristóvão, conocida como Ciudad Madre del Estado de Sergipe, acerca de los hechos históricos relacionados a la Pandemia de SARS-CoV-2, de la promoción de la salud pública y de la vacunación. Con materialidades seleccionadas de la página oficial del Instagram de la Alcaldía, buscamos dar visibilidad a formas de lectura que entienden lo histórico, lo ideológico y los grupos involucrados en la enunciación tomada en este espacio como lugar de disputa de sentidos. Por el análisis realizado, tres aspectos se destacan: la organización para la vacunación; la divulgación científica; y la oposición al Gobierno Federal.

Palabras Clave: Discurso; Multiliteracidad; Alcaldía de São Cristóvão; Pandemia de Coronavirus.

Ela já tá dançando
Pode aumentar o som
A mãe tá on!

¹ Professora Adjunta de Língua Espanhola na Universidade Federal de Sergipe, (UFS), Aracajú, SE, Brasil.
joycepalha@academico.ufs.br.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4125-5299>.

² Professora Adjunta de Língua Espanhola na Universidade Federal de Sergipe, (UFS), Aracajú, SE, Brasil.
acassiaanjos@academico.ufs.br.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5858-6628>.

ARTICULANDO TEORIAS: UMA PROPOSTA

Em nosso trabalho como pesquisadoras do campo dos estudos da linguagem, propomos leituras que visam uma postura crítica sobre nosso objeto, a língua. Acreditamos serem produtivas as articulações que visem a compreensão do mundo das letras de forma complexa, pelas quais são possíveis diversos gestos de leituras sobre um mesmo *corpus*. É deste ponto que avançamos para a proposta de uma leitura que parte de dois lugares, a saber – a Análise de Discurso (AD) e os Letramentos Críticos (LC) – para compreender um fenômeno da linguagem, qual seja: os dizeres que circularam no perfil da Prefeitura de São Cristóvão (SE) acerca da discursivização da Pandemia da SARS-CoV-2, da promoção da saúde pública e da vacinação contra o coronavírus.

Durante o período da pandemia, muitas foram (ainda são) as textualidades que circularam sobre o vírus, sobre a vacinação e sobre outras questões a estes temas relacionadas. Diferentes formulações nos chamaram a atenção até que um lugar comum direcionou nosso olhar: a divulgação científica através da rede social *Instagram* da Prefeitura de São Cristóvão³, em Sergipe. Foi nesse perfil que selecionamos o *corpus* principal de nossa análise. Pelo diálogo teórico que buscamos estabelecer, objetivamos propor uma leitura crítica das materialidades recortadas da página anunciada para compreender, discursiva/criticamente, quais sentidos foram postos em circulação na promoção sobre a saúde pública na *Cidade mãe* do Estado. Ressaltamos também que a articulação entre os campos teóricos não tem como objetivo igualá-los, afirmando que um equivale ao outro, mas pensar de forma complementar, possibilitando leituras diversificadas de uma mesma materialidade.

Para a Análise de Discurso, o gesto que faz o analista pode proporcionar diversas formas de entrar em seu objeto, apontando também para diferentes caminhos de análise. Essa é, então, nossa aposta, articular AD e LC na leitura das materialidades recortadas, trazendo para a negociação de sentidos seus embates e suas diferenças, entendendo-as como promotoras de uma educação crítica.

Para cumprir com nosso objetivo, este texto está organizado da seguinte forma: i. articulando teorias: uma proposta; ii. Letramentos Críticos e Análise de Discurso: por um mundo de leituras; iii. Vacinação e universidade: quando a questão econômica atravessa a condição sanitária; iv. A cidade mãe de Sergipe tá *on*; e v. vacinando e postando: percursos para a divulgação científica e o combate à pandemia.

LETRAMENTOS CRÍTICOS E ANÁLISE DE DISCURSO: POR UM MUNDO DE LEITURAS

A leitura é tema de interesse de diversas perspectivas teóricas, podendo adquirir diversas acepções. Mattos (2011) salienta as transformações que a leitura sofreu nos últimos tempos: "Até bem pouco tempo, leitura significava ler um texto escrito em papel, em uma direção pré-determinada, ou seja, de cima para baixo e da esquerda para a

³*Instagram* da Prefeitura de São Cristóvão: @prefsao cristovao.

direita.” (Mattos, 2011, p. 36). A autora destaca que a intensificação do uso da internet e a difusão de textos multimodais impulsionam transformações no modo de ler. Sendo assim, entendemos que há múltiplas possibilidades para o entendimento de leitura. Com o intuito de ampliar as possibilidades de leitura e compreensão dos fenômenos, propomos traçar uma interseção teórica a partir de articulações entre a Análise do Discurso e os Letramentos Críticos.

Para a Análise de Discurso, a leitura está relacionada ao gesto de interpretação. Ler é interpretar e desde sempre o sujeito interpreta a partir de seu lugar social e histórico.

Começamos por afirmar que a interpretação é um “gesto”, ou seja, é um ato no nível simbólico (Pêcheux, 1969). Sem esquecer que a palavra gesto na perspectiva discursiva, serve justamente para deslocar a noção de “ato” da perspectiva pragmática; sem, no entanto, desconsiderá-la.

O gesto de interpretação se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação com o silêncio. A interpretação é o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é “materializada” pela história. (Orlandi, 2004, p. 18)

Falar, nesta perspectiva, é uma prática política (Orlandi, 1988) e instaura uma divisão de sentidos. Ao reproduzir pelo simbólico determinados dizeres e deixar de projetar outros, se evidenciam (Moreira, 2007) certas questões cujos sentidos colam na história e na memória de uma comunidade. Em uma perspectiva materialista da língua e da história, ler nos permite interpretar por meio de um dispositivo teórico/analítico, que nos possibilita pôr em relação os sentidos, num gesto de leitura (Orlandi, 2010 [1994]) que procura entender os fenômenos sociais/ideológicos. Nas palavras de Orlandi (2001, p. 9), "organizamos uma reflexão que se inscreve nas chamadas novas práticas de leitura, propostas pela Análise do Discurso francesa e que trabalham de maneira característica a construção de arquivos, ou seja, a leitura da história, sua interpretação."

Em nosso *corpus* de análise, podemos afirmar que é pela leitura materialista das postagens no *Instagram* da Prefeitura de São Cristóvão sobre a Covid-19, o coronavírus, as vacinas e a vacinação, que se diz sobre outras questões tais como a história atual do país, sobre a posição do Governo Federal e sobre os sujeitos envolvidos no embate entre o negacionismo frente ao vírus e à pandemia em contraposição ao posicionamento das prefeituras e governos estaduais, sendo possível relacionar o dizer com o não-dito e compreender o funcionamento do interdiscurso e da ideologia no que está materialmente publicado.

O próprio dessas práticas é relacionar o dizer com o não dizer, com o dito em outro lugar e com o que poderia ser dito. Essa escuta tem de particular o ser sensível às relações de sentido - seja pelo trabalho da memória (o interdiscurso) seja pela menção (a intertextualidade). O que praticamos, então, são novos gestos de leitura, percorrendo os caminhos dos sentidos. Em nosso caso, os sentidos que sustentam a produção de um conhecimento linguístico que se foi produzindo junto à constituição de nossa língua (Orlandi, 2001, p. 9).

O trabalho do/a analista de discurso é relacionar os dizeres pelo interdiscurso, compreender as relações de sentidos que se estabelecem entre a enunciação e a formulação, entre o que está na ordem do visível, do linear, do dito e o que está na ordem da história e da memória, ou seja, o funcionamento do (inter)discurso.

Os estudos de letramento que tomamos como base para a compreensão dos letramentos críticos partem do que Street (1984) chamou de *letramento ideológico*, que considera as práticas sociais, relações de poder e questões ideológicas como fundamentais para a construção das práticas de letramentos. Sua oposição seria o *letramento autônomo*, definido como um conjunto de capacidades cognitivas determinante para a efetivação da leitura e da escrita, relacionando-se com o que Soares (1998) chamou de dimensão individual da leitura, ou seja, uma suposta leitura mecânica e descontextualizada. Vale

ressaltar que mesmo considerando uma perspectiva de leitura como dimensão individual, Street (1984) ressalta que não existe neutralidade quando se refere a questões de linguagem, sendo, portanto ambas as perspectivas dotadas ideologias e pretensões.

Prefiro trabalhar com base no que chamo de modelo “ideológico” de letramento, o qual reconhece uma multiplicidade de letramentos; que o significado e os usos das práticas de letramento estão relacionados com contextos culturais específicos; e que essas práticas estão sempre associadas com relações de poder e ideologia: não são simplesmente tecnologias neutras (STREET, 1997, p. 466).

Em meados da década de 90, linguistas e pedagogos dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha e da Austrália formaram o *New London Group* e evidenciam a necessidade de utilização das novas mídias, caracterizadas como multimodais e multiculturais, marcando os Novos Estudos do Letramento. Surgiu assim, o termo multiletramentos que emergiu: “como alternativa para suplantar as restrições de letramentos tradicionais caracterizados por serem monolíngüísticos e monoculturais, ao cenário dos multiletramentos, definidos como multissemióticos e multiculturais” (Baptista, 2016, p. 66). Os multiletramentos pressupõem, portanto, a multiplicidade de contextos culturais e de modalidades linguísticas. Ressaltamos que a multimodalidade não surge com as novas tecnologias, elas já existiam, porém, foram impulsionadas e propagadas por meios eletrônicos e digitais. Dessa forma, a multimodalidade considera as diversas formas de comunicação sejam escritas, imagens, áudios, sinais, gestos, movimentos, sejam em ambientes orais ou escritos, impressos ou digitais.

A partir de reflexões traçadas sobre os estudos de letramento e os Novos Estudos do Letramento, percebeu-se que a leitura e escrita não apenas cumprem papéis sociais, mas também são fundamentais para que as pessoas possam se questionar e se posicionar criticamente, havendo assim a união entre os princípios dos letramentos e da criticidade, com os pressupostos presentes no trabalho do brasileiro Paulo Freire, conforme aponta Monte Mor “As teorias sobre letramento crítico, novos letramentos e multiletramentos utilizam-se das concepções defendidas por Freire, como a dialética, a consciência crítica e a natureza política da linguagem”(Id, 2013, p. 41). Menezes de Souza (2011) propõe uma redefinição dos Letramentos Críticos. Para o autor, ler criticamente implica em duas práticas simultâneas e inseparáveis:

(1) perceber não apenas como o autor produziu determinados significados que tem origem em seu contexto e seu pertencimento sócio-histórico, mas ao mesmo tempo, (2) perceber como, enquanto leitores, a nossa percepção desses significados e de seu contexto está inseparável de nosso próprio contexto e os significados que dele adquirimos. (Id., *Ibid.*, p. 132)

Dessa forma, a leitura é sócio-historicamente situada, sendo realizada tanto em espaços privados como públicos e considera relações políticas de poder específicas. Com isso, é possível não apenas compreender e se expressar no mundo, mas é plausível atuar de modo a promover transformações sociais, contribuindo para uma consciência histórica. Dito de outra forma, “o letramento crítico deve promover a percepção resultante de que essa história, longe de ter acabado, constitui e afeta a percepção do presente” (Id., *Ibid.*, p. 135). Com isso, as relações de poder, identitárias, culturais, raciais, de gênero, financeiras entre outras, podem ser compreendidas, questionadas e ressignificadas pela materialidade textual.

Articulam-se, neste ponto, os Letramentos Críticos e a Análise de Discurso, por considerarem a ideologia como base material dos sentidos. Considera-se, em ambos os campos teóricos, o sócio-histórico como fundantes no processo de interpretação.

A partir do exposto, consideramos a leitura como produção de sentidos histórica e socialmente situada, calcada em questões ideológicas e relações de poder, por meio

das interações e de questionamentos, nas relações entre os interlocutores, sejam eles autores e/ou leitores, bem como com o próprio texto. Ao mesmo tempo, é preciso considerar a multiplicidade de textos e condições de produção, impulsionando diferentes formas de leitura.

Entendemos que Discurso e Letramentos Críticos, aqui, se encontram. Se por um lado, a Análise de Discurso entende a língua como materialização do discurso e este, da ideologia, os Letramentos Críticos propõem a análise das interações como forma de leituras, que consideram leitor, autor e texto, em um processo de conscientização de sua própria autogenealogia, com a produção de significados que podem contribuir para transformações no presente e no futuro. Pela Análise de Discurso, procuramos compreender o funcionamento das formações imaginárias que se relacionam na produção de sentidos e estas envolvem os interlocutores e as imagens que fazem de si, do outro e do referente (Pêcheux, 1990 [1969]). É importante dizer que não queremos afirmar que os campos teóricos se igualam, mas que é possível articular formas de leituras críticas para compreender um fenômeno linguístico/histórico/social, como propomos nesse texto.

VACINAÇÃO E UNIVERSIDADE: QUANDO A QUESTÃO ECONÔMICA ATRAVESSA A CONDIÇÃO SANITÁRIA

O Brasil tem um histórico de vacinação que mostra a eficácia da saúde pública no país e da organização do Sistema Único de Saúde (SUS), com campanhas de instrução para a vacinação que costumavam ocupar os postes, as redes de televisão e as propagandas governamentais nos canais oficiais do governo. Não foi exatamente esse histórico que vimos durante a pandemia da Covid-19, provocada pelo SARS-CoV-2. Foi durante o período de silêncio do Governo Federal que os governos estaduais tomaram as frentes da divulgação científica sobre as vacinas, buscando combater o negacionismo e a falta de informação da população frente ao vírus que se mostrava mortal. Esse embate sobre a gestão da saúde dá visibilidade às tensões existentes para além da questão sanitária. Concordamos como Lunkes, Sancho e Borges (2020), quando afirmam que a saúde é também objeto de disputa.

A saúde é um “objeto”, assim como o é, por exemplo, para Pêcheux (2015 [1984], p. 07), a liberdade e a justiça. Esse objeto, em nossa formação social capitalista - marcada pela luta de classes - funciona de forma idêntica e diferente. Depreende-se, nesse sentido, uma tensão na relação de forças entre diferentes Aparelhos Ideológicos de Estado (Althusser, 1985 [1970]), como o de saúde e o político (*Id., Ibid*, p. 57).

Como afirmam os autores, o político ressoa nas questões sanitárias e a falta de ação do Governo Federal é também um posicionamento do Estado de forma a mostrar seu controle. A falta de divulgação em massa, a não centralização das medidas e o silêncio frente às demandas sociais e econômicas se dão no embate entre as forças políticas e ideológicas. A luta de classes não é o resultado da falta de governo, mas está no centro da própria governabilidade.

Retomando a historicidade da gestão de saúde no Brasil, segundo os registros constantes no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística⁴ (IBGE), o Plano Nacional de Imunizações foi criado em 1973 e institucionalizado em 1975, tendo como principal objetivo “estimular e expandir a utilização de agentes imunizantes”. Segundo o

⁴ Sistema de Avaliação do Programa de Imunização – PNI/API. Disponível em: <https://ces.ibge.gov.br/base-de-dados/metadados/ministerio-da-saude/sistema-de-avaliacao-do-programa-de-imunizacao-pni-api.html>. Acesso: 20 ago. 2022.

IBGE, foi na sequência de sua criação que foram aprovadas a Lei 6.259, de 30 de outubro de 1975, e o Decreto 78.231, de 30 de dezembro de 1976, que versam sobre as atividades de vacinação de forma permanente, contribuindo para sua institucionalização. A 1ª campanha de vacinação após a criação do Plano ocorreu em 1980 contra a Poliomielite, que teve como resultado a extinção da doença no Brasil e em outros países da América do Sul em 1989, mostrando como um projeto articulado pelo Governo Federal poderia – e pode – ser eficaz contra epidemias.

Segundo o Instituto, o Sistema de Avaliação do Programa de Imunização (PNI-API) se constitui em um conjunto de sistemas e ações, tais como: avaliação do programa de imunizações; estoque e distribuição de imunobiológicos; eventos adversos pós-vacinação; Programa de Avaliação do Instrumento de Supervisão; Programa de Avaliação do Instrumento de Supervisão em Sala de Vacinação; Apuração dos Imunobiológicos Utilizados; e Sistema de Informações dos Centros de Referência em Imunobiológicos Especiais.

Como visto, o complexo que forma o Plano Nacional de Imunização e que integra a Secretaria de Vigilância em Saúde mostra como o sistema é organizado e estruturado de forma a atingir a vacinação em massa pela experiência no combate às doenças infectocontagiosas. O microbiologista Átila Iamarino, em seu trabalho de divulgação científica, produz vídeos explicando questões diversas relacionadas à ciência e, nos últimos anos, trabalhou intensamente para informar e educar, de diferentes perspectivas, sobre o Coronavírus.

Em seu vídeo “Como a pandemia de HIV e AIDS no Brasil foi controlada sem vacina e sem cura”⁵, o pesquisador faz um paralelo entre as ações do Brasil e da África do Sul referente às suas políticas governamentais para o controle da infecção. No conteúdo divulgado, é possível entender como uma gestão comprometida é capaz de organizar uma ofensiva que detém o crescimento acelerado de uma doença, que foi o caso do nosso país naquele momento histórico, diferente do país sul-africano que descentralizou as ações e teve/tem um resultado bastante negativo referente à propagação do HIV/AIDS. Em sua explanação, Átila Iamarino mostra como o Brasil atual segue os passos desastrosos da África do Sul, o que fez com que a descentralização da gestão da pandemia tomasse outras proporções.

Referente a este tema, Baalbaki e Silva (2021), afirmam que a disputa pela produção da vacina e sua disponibilização acontecia mundialmente e, no Brasil, se tornou uma “celeuma entre o Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, e o Governador do Estado de São Paulo, João Dória Júnior – uma especulação da prévia midiática dos embates eleitorais de 2022” (Baalbaki e Silva, 2021, p. 2).

Nesse cenário, a corrida pelo desenvolvimento da vacina, acompanhada ao longo do ano pelos jornais e pelas redes sociais, que se marcava não apenas como uma questão sanitária, mas mercadológica – o primeiro laboratório a ter vacinas prontas sairia na frente em um mercado mundial, sequioso pelo fim das restrições sanitárias –, chegava ao fim com inúmeros concorrentes. Começava então uma disputa política e diplomática. No Brasil, particularizou-se, nessa conjuntura, a celeuma entre o Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, e o Governador do Estado de São Paulo, João Dória Júnior – uma especulação da prévia midiática dos embates eleitorais de 2022. Dória anunciou oficialmente, no dia 10 de dezembro, em seu Twitter em coletiva de imprensa, o início da produção industrial da Coronavac pelo Instituto Butantan e ainda a promessa de que a produção paulista poderia ser utilizada para salvar milhões de brasileiros. Com isso, acirrava-se uma disputa do governador de São Paulo pela dianteira no processo de imunização, que sofrera oposições da presidência. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), sob ingerência do governo federal, adquire então um papel estratégico na disputa política

⁵ Átila Iamarino. Como a pandemia de HIV. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LvZcM-tyPSc&ab_channel=AtilaIamarino. Acesso: 10 jul. 2022.

entre Doria e Bolsonaro –disputa pela prevalência na concessão ou não da autorização pelo uso de vacinas contra Covid-19. (id., ibid.)

Na relação com o Governo de São Paulo, a mídia teve papel preponderante e jornais como a Folha de São Paulo, tal como analisam os autores, promoveram especulações sobre as eleições presidenciais de 2022, colocando os dois atores no centro do confronto. Fez-se, portanto, um jogo com a vacinação e o então presidente acusava o governador de São Paulo (e outros governadores que o apoiavam no tema) de fazer uso político da vacina produzida pelo Instituto Butantan, inaugurando uma querela acerca da ciência estar à parte da política. O governo brasileiro que antes negava a importância da vacinação, passou a, supostamente, apoiar a vacinação segura, fato confrontado por diversos opositores, como mostram os autores em seu artigo.

Como resultado da falta de organização do Governo Federal, surgiram movimentos estaduais e municipais que objetivaram suprir a falta de informações e de educação para a sociedade. Além de ações como negociação para a produção e distribuição de imunizantes, a comunicação para a educação foi uma forma de prefeituras e governos diminuírem as superlotações dos hospitais e as mortes por coronavírus.

Nesse cenário, a prefeitura da cidade de São Cristóvão, 1ª capital do Estado e cidade onde está localizada a Universidade Federal de Sergipe, se valeu dos meios de comunicação em massa para informar e incentivar desde o uso de máscaras até a vacinação. A cidade de São Cristóvão, fundada em 1590, é a quarta mais antiga do Brasil e foi a primeira capital sergipana⁶. Em 17 de março de 1855, São Cristóvão perdeu seu posto de capital, devido à fundação da cidade de Aracaju. Com uma população de cerca de 80 mil habitantes, São Cristóvão faz parte da grande Aracaju e abriga o *campus* central da Universidade Federal de Sergipe, que conta, apenas na Cidade Universitária, com cerca de 20 mil estudantes entre os cursos de graduação e pós-graduação⁷. Essa população universitária possui uma demanda que ultrapassa os muros da universidade, tendo presença marcante no bairro Rosa Elze. Além da venda de produtos escolares e alimentos, há serviços diversos como aulas de autoescola para condutores, bem como aluguel de casas, apartamentos e quartos, movimentando, naquele bairro, o comércio local.

Com o fechamento dos espaços, incluindo as universidades, a pandemia de Coronavírus afastou a comunidade universitária por mais de um ano, fato que gerou impacto visível no cotidiano de seus arredores. Os/as discentes voltaram para suas cidades, os aluguéis foram interrompidos, os serviços também fechados não tinham o público costumeiro e a cidade, principalmente, a região no entorno da UFS ficou esvaziada. É nesse cenário que passa a interessar diretamente aos gestores do Município de São Cristóvão a vacinação da população da UFS, já que a imunização é um caminho para a volta das atividades presenciais e para a movimentação social e econômica daquele espaço.

Como resultado, foi feita uma parceria entre o Município e a UFS para a vacinação de docentes, técnicos/as e discentes dentro da própria universidade. Em fevereiro de 2022, a UFS divulgou que 27 mil membros de sua comunidade estavam vacinados contra a Covid-19⁸. Entendemos que este breve panorama do lugar da UFS na cidade nos permite

⁶ Disponível em: <https://turismosaocristovao-se.com.br/a-cidade/>. Acesso: 19 jul. 2022.

⁷ Disponível em: https://indicadores.ufs.br/uploads/page_attach/path/12040/UFS_em_N_meros_2021.pdf. Acesso: 19 jul. 2021.

⁸ Ascom-UFS. Mais de 27 mil membros da comunidade acadêmica da UFS estão vacinados contra a covid-19. Disponível em: <https://www.ufs.br/conteudo/68973-mais-de-27-mil-membros-da-comunidade-academica-da-ufs-estao-vacinados-contr-a-covid-19>. Acesso: 10 jul. 2022.

compreender tanto a política de vacinação instituída pela prefeitura de São Cristóvão, que privilegiou a comunidade acadêmica, bem como a forma como as publicações do *Instagram* projetam, imaginariamente, como seu interlocutor, a jovem população que vive/circula/movimenta o espaço da cidade.

“A CIDADE MÃE DE SERGIPE TÁ ON”

O *Instagram* é uma rede social de origem estadunidense, fundada em 6 de outubro de 2010 pelo norte-americano Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger⁹, que objetiva o compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários. O perfil da prefeitura de São Cristóvão, em setembro de 2022, possuía mais de 37 mil (trinta e sete mil) seguidores e mais de 2.000 (duas mil) publicações. Em sua descrição, se denomina como a primeira capital de Sergipe e a quarta cidade mais antiga do Brasil. Essas características se justificam para o título de “Cidade mãe” de Sergipe, visto que é a mais antiga do Estado. É recorrente esta denominação nas propagandas governamentais e a expressão está cristalizada no imaginário social. É interessante notar, então, que os sentidos sobre a cidade partem de um lugar maternal, da origem, daquela que foi a primeira e que se apresenta com essa responsabilidade.

Em 18 de junho de 2021, já com a vacinação em andamento, aparece o enunciado que intitula nosso trabalho: “a cidade mãe de Sergipe tá on”. Partimos deste enunciado, pois entendemos que este carrega os sentidos pelos quais se diz a página da prefeitura, ou seja, o modo como se enuncia, a partir do lugar que quis projetar sobre si. A cidade mãe, tradicional como tendo sido a 1ª capital do Estado, se enlaça em uma rede de sentidos que mira na juventude, na atualidade da expressão tomada de empréstimo da música da manaua Márcia Fellipe¹⁰. A cidade mãe participa das redes sociais e está conectada.

Imagem 1: A cidade mãe de Sergipe tá on!



Fonte: *Instagram* da Prefeitura de São Cristóvão - @prefsaocristovao
Publicada em: 18 jun. 2021

No enunciado que se historiciza como “a cidade mãe de Sergipe tá on”, o jogo entre o antigo e o novo se colocam. A retomada do título da música “A mãe tá on”¹¹,

⁹ Disponível em: <https://canaltech.com.br/empresa/instagram/>. Acesso: 02 set. 2022.

¹⁰ Márcia Felipe. *A mãe tá on*. Álbum: *A fenomenal*, vol. 1, 2020. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/marcia-fellipe/a-mae-ta-on/>. Acesso em: 02 set. 2022.

¹¹ Não nos interessa buscar a origem da expressão, mas em algumas buscas encontramos que o enunciado retomaria a frase dita por Neymar - “o pai tá on”, que também virou tema do funk do Mc Kekel. O que

reenunciada do lugar da cidade, ressignifica a própria palavra “mãe”. O enunciado aparece em diversas produções musicais femininas, dentre elas na música de Márcia Fellipe. Nessa, a mãe referida não carrega sentidos relacionados ao maternal, que se referem aos cuidados, mas a imagem proposta é de uma mulher sensual, que dança, e está produzida com “salto 15”, “batom” e “maquiagem perfeita”. O que se ressalta nos enunciados é que, apesar de um problema (no caso da música, um problema sentimental), a mãe está “causando” e está “postando” nas redes sociais. Paralelamente, apesar dos problemas causados pela falta de distribuição de vacinas pelo Governo Federal, “a cidade mãe de Sergipe tá on”. Assim, o enunciado desliza também para o fato de estar “antenada”, atualizada.

Feita essa primeira incursão no *Instagram* da prefeitura de São Cristóvão, para seguir com nossas análises, partimos, então, das publicações no seu perfil acerca da pandemia. Para começar, analisamos as publicações referentes à comunicação sobre a primeira dose da vacina da população são-cristovense. As postagens que recortamos foram publicadas no espaço temporal entre 08 de janeiro de 2021 e 19 de agosto de 2021. São postagens que buscam não apenas a divulgação sobre o calendário de vacinação, mas também propõem uma conscientização da população sobre a importância da vacina, além do combate a notícias falsas.

Como já afirmado, em 08 de janeiro de 2021 foi publicada a primeira postagem no *Instagram* da prefeitura de São Cristóvão sobre a vacina, na qual se informava sobre a existência de um plano municipal para vacinação, sendo uma postagem sem apelo a jogos de palavras ou personagens públicos conhecidos, isto é, sem utilizar as estratégias de comunicação que ganhariam a simpatia do público nos meses seguintes.

Imagem 2: Secretaria de saúde de São Cristóvão finaliza Plano de Imunização da População contra covid-19



Fonte: *Instagram* da Prefeitura de São Cristóvão - @prefsaoacristovao
Publicada em: 08 jan. 2021

No texto que acompanha a postagem, se lê:

A Secretaria Municipal de Saúde (SMS), por meio da Diretoria de Vigilância e Atenção à Saúde (DIVAS), já dispõe do plano de operacionalização da vacinação contra a covid-19 para o município de São Cristóvão. O Plano de Imunização estabelece as estratégias e ações para operacionalizar a vacinação em São Cristóvão e apresenta o planejamento para a distribuição da vacina nas salas de vacina do município. Além disso, o documento define quais grupos prioritários receberão a vacina. Leia: www.saocristovao.se.gov.br.

importa, para nós, é como esse enunciado significa e reverbera sentidos de uma cidade mãe antenada, conectada e disponível.

Uma questão fundamental é que, no momento da publicação, em janeiro de 2021, não havia um direcionamento do Ministério da Saúde ou de outro órgão do Governo Federal sobre a operacionalização da vacinação. Naquele momento histórico, o Governo Federal não havia sequer respondido aos *e-mails* de uma empresa produtora e comercializadora dos imunizantes. Estavam em pauta a negociação de vacinação pelo Governo do Estado de São Paulo¹² e a organização do Consórcio Nordeste¹³ que se voltava para questões referentes à pandemia do novo Coronavírus. O Consórcio existe desde 2019 e tem como objetivo a articulação entre os 9 estados para a promoção da integração regional, incluindo a articulação e a implementação de políticas públicas integradas, dentre outros objetivos. Durante a pandemia, os governadores dos Estados que fazem parte do Consórcio, incluindo Sergipe, se articularam de diversas formas e a aliança subnacional passou a ocupar os noticiários na falta de uma projeção do governo nacional¹⁴.

Após uma série de postagens, selecionamos também, como marco, a última postagem referente ao cronograma vacinal sobre a primeira dose, que ocorreu em 19 de agosto de 2021.

Imagem 3: Chegou a hora dos humilhados serem exaltados



Fonte: *Instagram* da Prefeitura de São Cristóvão - @prefsaocristovao
Publicada em: 19 ago. 2021

No texto que acompanha a postagem, se lê:

Os refrescos, eles demoram mas vêm! 🍹

Vocês não sabem o quanto nós esperamos por esse momento, de garantir a todas as faixas etárias contempladas pelo plano de imunização contra covid o direito à vacinação. Chegou a hora dos humilhados serem exaltados. Avisa pra eleeeeees, amanhã tem pra 19+, e sábado é 18+.

Importante: 🗓 Amanhã a partir das 13h seguindo até às 16h ou até acabarem as doses do local de vacina. Sábado segue das 9h às 12h, das 13h às 16h ou também até acabarem as doses existentes nos pontos de vacinação. Confere os locais e vem com emoção, que esse evento merece. ☐

Locais (...)

¹²CoronaVac: o que se sabe sobre a vacina contra Covid-19 produzida pelo Butantan e o plano de vacinação em SP. Disponível em:

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/01/08/coronavac-o-que-se-sabe-sobre-a-vacina-contracovid-19-produzida-pelo-butantan-e-o-plano-de-vacinacao.ghtml>. Acesso em: 10 ago. 2022.

¹³ Consórcio Nordeste. Disponível em: <http://www.consorcionordeste-ne.com.br/>. Acesso em 02 set. 2022.

¹⁴Consórcio Nordeste: regionalismo subnacional e diplomacia científica. Disponível em: <http://observatorio.repri.org/2021/04/13/consorcio-nordeste-regionalismo-subnacional-e-diplomacia-cientifica/>. Acesso em 02 set. 2022.

Documentação necessária: identidade, CPF ou cartão SUS, comprovante de residência de São Cristóvão no nome da pessoa ou de alguém que possa comprovar vínculo, e documentação específica caso pertença a um grupo de risco.”

Nessa publicação, é possível perceber que a linguagem se marca pelo interdiscurso, em uma relação direta com a passagem bíblica, em Mateus (23:12): “Pois todo aquele que a si mesmo se exaltar será humilhado, e todo aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado”. Com tom de humor, a publicação consiste em um vídeo de animação de 16 segundos que, além da referência ao texto bíblico, apresenta as faixas etárias e datas nas quais a vacinação está liberada, além de mostrar um brinde ao final. Com essa postagem, a prefeitura conseguiu mais de 11 (onze) mil visualizações. O discurso religioso ganha destaque na publicação, mas vale dizer também que o enunciado “os humilhados serão exaltados” já ocupa o imaginário popular e ultrapassou os limites do texto bíblico. A aproximação aí se dá não só pelo que é inerente à religião ou a este grupo em específico, mas a um modo de dizer que funciona nas redes.

Em Análise de Discurso, afirmamos que as fronteiras das formações discursivas são porosas e os dizeres circulam em mais de uma formação discursiva, significando a partir do lugar em que se inscrevem.

Falar de formações discursivas significa dizer que as palavras não significam em si, mas em relação às formações discursivas em que se inscrevem. Entre as formações discursivas distintas, sentidos diferem, se contraditam, se confrontam, se opõem, se sustentam, se debatem. E é no jogo entre formações discursivas que podemos apreender as nuances de sentidos (Orlandi, 2021, p. 57).

As duas postagens marcam o início e o fim do período temporal de nosso *corpus* de investigação para o qual selecionamos 4 postagens para analisar nesse artigo. Entre a primeira e a última postagem, que acabamos de reproduzir, compreendemos que há uma mudança de forma de comunicação, que ao longo do tempo proporciona uma leitura mais interativa para a população que acessa a página. Percebemos, assim, que a última postagem mobiliza o interdiscurso partindo de modalidades diversas, tal como a animação do vídeo. Esses fatores permitem leituras mais dinâmicas e interativas com o público que, pelo que vimos na seção anterior, imaginariamente, é jovem e está conectado às já não tão novas tecnologias.

Também como forma de replicação das postagens, uma das estratégias utilizadas pela página foi a mimetização do conteúdo. O meme é um texto multimodal que retrata uma imitação artística da natureza. Para o biólogo Dawkins (2017), o termo meme vem da etimologia grega “*Mimeme*” e significa imitação. Tal termo foi adaptado para biologia para assemelhar-se à palavra gene, visto que “o gene, a molécula de DNA, por acaso é a entidade replicadora mais comum em nosso planeta” (Dawkins, 2017, p. 148). O autor explica que, como o gene é responsável pela replicação da molécula de DNA, o meme caracteriza-se como responsável da replicação cultural, que gera uma mudança evolutiva, replicadora de *slogans*, comportamentos, vestuário, ideologias e hábitos. Em outras palavras, o meme espalha, por meio de imitação ou cópia, aspectos culturais e valores de nossa sociedade, e nos possibilita replicar ou aperfeiçoar o que já existe, podendo derivar novas formas de perceber o mundo.

Enquanto um texto multimodal, que parte de outros textos ou busca materializar imaginária respeito de realidades sociais, o meme tem como objetivo “proporcionar indistinção e ambiguidade entre ‘verdadeiro’ e ‘falso’, dialogando ou atuando em tecnologias digitais” (Nunes, 2014, p. 53). Dessa forma, em tom de humor, a página da prefeitura busca levar informação para seu público, satirizando comportamentos sociais e governamentais que buscavam questionar a confiabilidade nas informações gerais sobre

a COVID-19. Neste ponto, o meme como discurso faz ressoar sentidos que estão circulando em outras redes sociais e meios de comunicação de massa. As notícias sobre a falta de posicionamento do governo nacional invadem o perfil da prefeitura que, no mesmo gesto, toma posição frente a este fato histórico.

A mudança na comunicação da página nos faz refletir sobre como a forma que o texto se apresenta interfere diretamente em nosso modo de ler e construir sentidos. Conforme Soares (2002, p. 150), “o texto no papel é escrito e é lido linearmente, sequencialmente – da esquerda para a direita, de cima para baixo, uma página após a outra”. As multimodalidades funcionam chamando a atenção do público para determinada mensagem, seja por imagens, vídeos, sinais, gestos ou sons. As modalidades foram exploradas na forma visual e sonora, fato que fez das postagens atrativas e alinhadas com a linguagem contemporânea veiculada nas redes sociais.

Outra estratégia que começou a ser utilizada pela prefeitura ao longo do tempo foi a replicação das postagens nos *Stories* do *Instagram*, o que permitiu uma maior visibilidade das publicações realizadas. A atualidade dos recursos utilizados e a inovação nas formas de comunicar projetam a imagem de uma prefeitura jovem, que se comunica diretamente com seus interlocutores. A página se caracteriza, portanto, como voltada para esse público que ocupa a universidade e, por consequência, a cidade.

A última postagem que recortamos está disposta em forma de imagens estáticas em um carrossel, ou seja, são 6 imagens sequenciadas, que estão relacionadas entre si pela temática. “As vacinas tão no grau, mami”. Essa frase une o rolo de imagens em uma postagem e dá o tom da publicação.

Imagem 4: Que tipo de especialista é você?



Imagem 6: O que desenvolveu pânico de efeito colateral



Imagem 5: Complexo de vira-lata



Imagem 7: O negacionista



Imagem 8: O *sommelier* oficial



Imagem 9: Fiscal de comorbidades



Fonte: Instagram da Prefeitura de São Cristóvão - @prefsaocrisovao
Publicada em: 14 jun. 2021

O enunciado que se reproduz recupera os dizeres de um personagem que ficou famoso durante a pandemia, em uma publicação que ironizou a falta de respostas do Governo Federal aos mais de 100 *e-mails* enviados pela *Pfizer*, uma empresa do ramo farmacêutico que produziu vacinas contra o coronavírus. O humorista @esemenino produziu um vídeo em que simulava uma conversa imaginária entre a empresa e o governo, materialidade que é recuperada na primeira imagem dessa postagem (Imagem 4: Que tipo de especialista é você?). Podemos perceber referências ao produtor de conteúdo Esse menino, tanto na materialidade linguística, ao replicar a expressão "no grau", quanto na imagem, que retrata o próprio produtor. Pela noção de materialidade significativa (Lagazzi, 2011), podemos compreender que a imbricação entre texto e imagem, materializadas no gesto do personagem e na ilustração do computador, coloca em cena a luta política na atualização da crítica que perpassava a produção inicial, em uma forma de oposição à falta de celeridade do Governo Federal naquela ocasião. Ainda nessa imagem, há um questionamento para o interlocutor: “Que tipo de especialista é você?”, seguida da indicação da continuidade da publicação.

Após essa primeira imagem, outras 5 seguiram com as descrições: Complexo de vira-latas. Se for *CoronaVac*, não quer. Só confia na *Pfizer*; o que desenvolveu pânico de efeito colateral; o negacionista; o *sommelier* oficial; fiscal de comorbidades. Como esta publicação foi realizada em junho de 2021, determinados dizeres sobre os imunizantes já circulavam e, na história recente, o imaginário sobre a *CoronaVac* vinculava os sentidos sobre a vacina ao país responsável por sua produção, a China, e a um sistema de governo, o comunismo. Comparece aí negação ao sistema comunista que, como aponta Mariani (1998), é discursivizada nos jornais e se fixa no imaginário brasileiro como algo a se combater.

Em referência aos sistemas de governo, configura-se o embate maniqueísta entre o Bem x Mal (Colaça, 2010), projetado nos dizeres que circundam as publicações sobre a vacinação. A vacina chinesa, ou “vachina” como passa a ser denominada a *CoronaVac*, recebe seus sentidos da formação discursiva anticomunista. Nega-se o sistema e, no mesmo movimento, nega-se a vacina, que passa a circular aliada a sentidos de controle e de guerra biológica/ideológica pela implementação de um suposto *chip* do governo chinês. Outra questão relacionada à *CoronaVac* é o fato de que sua compra/distribuição tenha sido negociada pelo governo do Estado de São Paulo, na figura do governador João Doria, que passa a se colocar como oposição ao governo do país. O absurdo se instaura e os cidadãos começam a escolher as vacinas, privilegiando a então famosa *Pfizer*, ao tempo que se nega a vacina chinesa, já produzida no Instituto Butantã, no Brasil. Assim,

o complexo de vira-latas se instaura no movimento de negação daquilo que é proveniente da China e produzido no Brasil em detrimento do que é feito no exterior.

Na reprodução exposta na imagem 6, outro personagem aparece representado. O senegalês Khabane Lame, conhecido como Khaby Lame, ocupa as páginas da internet e os memes em quadros que questionam a complicação de determinados fatos. O *tiktoker* ficou famoso por mostrar formas descomplicadas de coisas/fatos que são mostrados como, supostamente, mais complexos. No texto, retoma-se o fato das pessoas estarem evitando a vacina *AstraZeneca* por seus efeitos colaterais, que ficaram conhecidos por serem mais agressivos logo após o momento da vacinação. Neste ponto, o jogo entre materialidade visual e textual funciona para a divulgação científica de forma mais direta pela explicação de que “nenhum remédio é isento de efeitos colaterais. Não é diferente com as vacinas.” Os recursos que retomam o influenciador que simplifica as questões direciona para a necessidade de simplificar a divulgação dos saberes científicos e a própria aceitação da vacina.

O negacionista, na imagem que segue, retoma de forma direta o desconhecimento e a desinformação que circulam sobre as vacinas. Em forma de questionamento, trata-se da vacina da varíola, enfermidade que havia sido erradicada no país graças à uma vacina¹⁵. Como característico, também nas demais imagens, nesse meme se representa um personagem já conhecido pelos jovens da atualidade, o artista canadense Drake, que teve a imagem de um de seus clipes popularizada em diversos memes. Segundo o *Meming Wik*¹⁶, uma espécie de Wikipédia dos memes, a difusão desta imagem começou em 2015, quando Drake estreou o clipe da música “*Hotline Bling*” em que, em um ponto específico, aparece em uma posição que parece não gostar de algo. Ao trazer para o Instagram da prefeitura de São Cristóvão os três personagens já famosos em outros lugares, pelo interdiscurso, ressoa uma memória de reconhecimento, daquilo que já se sabe e com o que o sujeito se identifica. Um já-dito ecoa e os sentidos sobre a vacinação se ancoram no conhecido. Um já-lá, o que é da ordem do repetível, da estrutura, se coloca para que os dizeres deslizem na forma como se promovem os saberes sobre as vacinas.

As duas últimas imagens não retomam personagens conhecidos, que, como vimos, é uma característica também da mimetização. Há, entretanto, imagens genéricas de uma pessoa servindo vinho, em referência à profissão de *sommelier*. A expressão “*sommelier* de vacinas” se fixou, visto que passou a ser recorrente a escolha das “marcas” dos imunizantes, neste caso, em relação à *CoronaVac* e à *AstraZeneca*. Por fim, o fiscal de comorbidades é aquele que questiona os direitos alheios à vacinação, com relação às prioridades. A prefeitura, neste gesto, aponta o dedo para aqueles que julgam e se colocam como a que pode dizer sobre o outro, aquela responsável por identificar as necessidades da população.

Nas sequências discursivas recortadas, compreende-se o modo como a prefeitura estabelece um diálogo entre a divulgação científica e o entretenimento, pela apropriação de personagens que ocupam o imaginário social atual, na tentativa de combater discursos que negam a vacinação e promovem desinformação. A materialidade significativa funciona pela continuidade e pela aposta daquilo que constitui uma memória sobre os dizeres em torno à pandemia de Coronavírus.

¹⁵ Em seu texto, Baalbaki e Silva (2021) analisam *tuites* do ex-presidente e os comentários acerca de suas postagens sobre os quais afirmam que ressoa uma memória de dizeres que retomam os sentidos da Revolta da Vacina.

¹⁶ Meming Wiki. Disponível em: <https://en.meming.world/wiki/Drakeposting>. Acesso em: 10 set. 2022.

VACINANDO E POSTANDO: PERCURSOS PARA A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E O COMBATE À PANDEMIA

A pandemia do novo Coronavírus, como acontecimento discursivo, como o tratam Baalbaki e Silva (2021), inaugurou uma diversidade de modos de resistência e de combate frente ao horror, tanto do vírus como dos governos que o negaram e possibilitaram o agravamento da situação. Nessa disputa, muitas foram as textualidades produzidas para tentar dar conta de sentidos que ora inauguravam novas formas de dizer, ora ressoavam a memória de outros aspectos da história, como o comunismo ou a Revolta da Vacina, por exemplo. Nas palavras de Abrahão e Sousa e Ruiz (2021, p. 13).

Em uma corrida sem precedentes contra um vírus, vemos, assim, diversos especialistas de diferentes áreas se unindo, não medindo esforços para compreender todo esse acontecimento científico e as transformações sociais por ele geradas. Trata-se, a nosso ver, de marcar aos olhos da ciência uma desnaturalização desse “novo normal”, de promover e propor novos gestos de leitura sobre movimentos e transformações sociais que nos (re)definem diante das adversidades, combatendo, desse modo, a grande desinformação gerada por negacionistas e/ou descrentes de métodos comprovados na busca pelo bem da vida e dos seres. É o discurso e a prática caminhando lado a lado para a preservação da vida, pois como sabemos sujeito e sentido, língua e história se constituem juntos.

Enfim, em tempos de grandes efervescências sociais, a resistência se tornou uma palavra bastante cara, fazendo circular movimentos diversos que ratificam a preservação de nossos direitos já garantidos pela Constituição. O Brasil se vê numa grave crise sanitária, política e ética comprovada pela crueldade de um (des)governo que a todo custo tenta sufocar nossa democracia, minimizar mortes e o vírus, disseminar mentiras mascaradas de “verdades”, criar efeitos de obscurantismo, violência e preconceito.

O que trouxemos nesse texto foi um recorte possível sobre esse acontecimento discursivo, como o tratam Baalbaki e Silva (2021), dentre as diversas formas de significar a pandemia, a vacinação, as falas do representante máximo do país e outras tantas discursividades que circularam. Em nosso corpus, tentamos dar visibilidade à luta entre os sentidos que negam a doença e a eficácia das vacinas em contraposição à divulgação da ciência e à promoção da saúde pública e como esse embate se materializa nas textualidades que selecionamos. Entre a mimetização, que se embasa na memória, a prefeitura de São Cristóvão define um posicionamento contrário ao Governo Federal, ao retomar os problemas identificados na gestão da pandemia e negá-los. Também se destaca como marca a necessidade de reforçar a eficácia de todas as vacinas e se contrapor ao negacionismo que tomou conta do país, incluindo os pronunciamentos do então presidente. A linguagem que se aproxima de personagens da atualidade, retomando dizeres que estão em alta e circulando entre os jovens, possibilita compreender que o interlocutor deste perfil são os jovens que movimentam a cidade de São Cristóvão, mais especificamente, o bairro Rosa Elze.

Assim, pelo gesto de análise que partiu de duas perspectivas teóricas, a Análise de Discurso e os Letramentos Críticos, buscamos compreender os sentidos projetados pela memória (Pêcheux, 2007), nos íres e vires das publicações no *Instagram*, nas quais, como afirmamos, três aspectos se destacam: a organização para a vacinação; a divulgação científica; e a oposição ao Governo Federal.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Lívia Marcia Tibas Rádís. Multiletramentos, letramento visual e ensino de espanhol: algumas questões sobre as práticas comunicativas contemporâneas. In: BAPTISTA, Lívia Marcia Tibas

- Rádis. (Org). **Autores e produtores de textos na contemporaneidade: multiletramentos, letramento crítico e ensino de línguas**. Campinas: Pontes, 2016. p. 65-83.
- COLAÇA, Joyce Palha. O mecanismo de antecipação e as estratégias de argumentação nos pronunciamentos de Fidel Castro. **Icarahy**, v. 1, p. 4, 2010.
- DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- LAGAZZI, Suzy. O recorte e o entremeio: condições para a materialidade significativa. In: RODRIGUES, Eduardo Alves; SANTOS, Gabriel Leopoldino dos Santos; CASTELO BRANCO, Luiza Kátia Castello Branco. (orgs.) **Análise do Discurso no Brasil: pensando o impensado sempre – uma homenagem a Eni Orlandi**. Campinas: Editora RG, 2011. p. 401-410.
- LUNKES, Fernanda Luzia. SANCHO, Karla Amorim. BORGES, Fabiano Tonaco. Sentidos em (dis)curso em tempos de covid-19: uma análise dos processos de designação. In: BAALBAKI, Ângela Corrêa Ferreira; SILVA, Luiz Felipe Andrade. (Orgs.) **Discursos da pandemia: entre dores e incertezas**. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 53-68.
- Márcia Felli. **A mãe tá on!** Compositores: Carlos Bruno Freitas Pinheiro; João Victor de Carvalho Menezes; Felipe de Pinho Marins; Tássia Morais de Andrade. Fortaleza: Universal Music, 2020. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/marcia-felli/a-mae-ta-on/>. Acesso em: 02 set. 2022.
- MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa**. Os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989). Rio de Janeiro, Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.
- MATTOS, Andréa Machado de Almeida. Novos letramentos, ensino de língua estrangeira e o papel da escola pública no século XXI. **Revista X**, v. 1, 2011, p. 33-47.
- MONTE MOR. Crítica e Letramentos Críticos: reflexões preliminares. In: Claudia Hilsdorf Rocha; Ruberval Franco Maciel. (Org.). **Língua estrangeira e formação cidadã: por entre discursos e práticas**. 1ed. Campinas: Pontes Editores, 2013, v. 1, p. 31-59.
- MOREIRA, Carla Barbosa. Censura e silenciamento no discurso jornalístico. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lucia M. A. (Orgs.). **Memória e produção de sentidos na mídia**. Rio de Janeiro: MAUAD Editor, 2007. v. 1. p. 319-342.
- NUNES, Fabio Oliveira. Mimetizar elementos do sistema das artes para discuti-lo? **Palíndromo**, n. 11, jan./jul. 2014, p.50-63.
- ORLANDI, Eni; SOUZA, Tânia Conceição Clemente. Língua fluida e língua imaginária. ORLANDI, Eni. (Org.) **Política linguística na América Latina**. Campinas, SP: Pontes Editores, 1988. p. 27-40.
- ORLANDI, Eni. **Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- ORLANDI, Eni. [1994]. **Gestos de leitura**. Da história no discurso. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2010. p. 241-251.
- ORLANDI, Eni. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.
- ORLANDI, Eni. A terra não é plana e o mundo das palavras não tem só dois lados. Ainda o silêncio em suas novas formas. In: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans; SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da. (Orgs.). **Ousar se revoltar: Michel Pêcheux e a Análise do Discurso no Brasil**. Campinas: Pontes Editores, 2021. p. 53-78.
- PÊCHEUX, Michel. [1969]. Análise Automática do Discurso. Trad. Eni P. Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso**. Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990), p. 61-161.
- PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre. (Org.). **Papel da Memória**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007. p. 49-57.
- RUIZ, M. A. A.; SOUSA, Lucília Maria Abrahão e. Memória e(m) discurso na pandemia - o acontecimento da Covid-19 em rede. **Cadernos de Estudos Linguísticos** (Unicamp), v. 63, p. 1-14, 2021.
- SILVA, L. F. A.; BAALBAKI, A. C. F. Saúde, ciência e política na encruzilhada de discurso: outra guerra da vacina. **Caderno de Estudos Linguísticos**, v. 63, p. 1-17, 2021.
- SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- STREET, Brian. **Perspectivas interculturais sobre o letramento**. Tradução de Marcos Bagno Filologia e Linguística Portuguesa. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1997.
- STREET, Brian. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

Recebido: 19/9/2022

Aceito: 21/12/2023

Publicado: 27/3/2024